



**Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e
Crítica Literária da PUC-SP**

nº 24 - julho de 2020

<http://dx.doi.org/10.23925/1983-4373.2020i24p166-181>

Percursos crítico-teóricos das listas na literatura

Lists and literature: critico-theoretical trajectories

*Luiz Fernando Ferreira Sá**

RESUMO

O presente artigo visa problematizar os efeitos do uso de listas na literatura e pretende servir para ampliar e esclarecer os limites formais e interpretativos das listas: questões relativas à denominação e à definição, dimensão, fechamento/abertura, atos de leitura e questões hermenêuticas. Discute também outros aspectos: as listas carregam o leitor para dentro ou para fora do texto literário? Quais seriam os pontos de partida e chegada do uso de listas na literatura? Para tanto, serão discutidos autores que, direta ou indiretamente, teorizaram a respeito das listas e cujo pensamento tem sido referência em contextos internacionais; entre outros, destacam-se Umberto Eco, Philippe Hamon, Jack Goody, Madeleine Jeay, Bernard Sève, entre outros. Os seguintes eixos-conceitos guiarão a discussão pretendida: ordem e desordem das listas, as listas e seus efeitos geradores de f(r)icção, a poética da lista ou da enumeração, estruturas enumerativas e descrições utópicas, as listas e a enunciação paródica, o poder subversivo das listas, inventário e arquivo em listas, acumulação e repetição paródica.

PALAVRAS-CHAVE: Listas; Crítica; Teoria

ABSTRACT

The present article aims at problematizing the effects of the use of lists in literature and serves to broaden and clarify the formal and interpretative limits of such lists; it broaches questions regarding terminology and definition, dimension issues, closure/openness issues, questions about reading choices, hermeneutical questions. Further questions are raised: does the list carry the reader in or Further questions are raised: does the list carry the departure and arrival points of the use of lists in literature be? In addition, this article reflects on studies conducted by authors who theorized either directly or indirectly on such lists and whose thinking has been a reference in international contexts, authors such as Umberto Eco, Philippe Hamon, Jack

* Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG; Faculdade de Letras; Programa de Pós-graduação em Estudos Literários - Belo Horizonte – MG – Brasil - saluiz18@gmail.com



**Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e
Crítica Literária da PUC-SP**

nº 24 - julho de 2020

Goody, Madeleine Jeay, Bernard Sève, among others, will be considered here. The following conceptual axes guide the intended discussion: order and disorder in lists, lists and their f(r)iction-generating effects, poetics of a list or of the enumeration, enumerative structures and utopian descriptions, lists and parodic enunciation, subversive power of lists, inventory and list archive, accumulation and parodic repetition.

KEYWORDS: Lists; Criticism; Theory

Uma leitura de qualquer aspecto do uso de listas na literatura – seja em poesia, em prosa ou em texto dramático – revelará que as questões ontológicas e as dúvidas teleológicas que a orientam contribuem para a velada sutil de um estado de coisas em crise, já e sempre à procura de uma solução sonhada sob a forma da figura enigmática do Outro. Daí que o presente artigo vise problematizar os efeitos do uso de listas na literatura, pois elas, as listas, antes de qualquer coisa, também fazem parte do conjunto de pistas que cria no leitor um horizonte de expectativa. Este estudo também servirá para ampliar e esclarecer os limites formais e interpretativos da lista: questões relativas à denominação e à definição (definir as listas como uma declinação de um paradigma latente é suficiente? Quais são as denominações ou tipologias adotadas para as listas?), questões de dimensão (de quantos termos ou em que espaço o efeito-lista pode ser construído? Qual é a economia ou unidade semântica necessária da lista?), questões relativas ao fechamento/abertura (a saturação dos elementos de uma lista se dá pela enumeração de itens finitos ou pela acumulação de itens infinitos?), questões relativas aos atos de leitura (a percepção da lista é um efeito de interpretação?), questões hermenêuticas (até que ponto podemos interpretar, analisar uma lista? Seria possível fazer uma análise estilística, estética, ideológica da lista?). E mais: a lista carrega o leitor para dentro ou para fora do texto literário ou quais seriam os pontos de partida e chegada do uso de listas na literatura? Para tanto, serão trabalhados autores que teorizaram direta ou indiretamente sobre as listas e cujo pensamento tem sido referência em contextos internacionais, como Umberto Eco, Philippe Hamon, Jack Goody, Madeleine Jeay, Bernard Sève, entre outros. Os textos literários aludidos servem como elementos-chave de estudo para a problematização proposta, especialmente em relação aos seguintes eixos-conceitos: ordem e desordem da lista, a lista e seu efeito gerador de f(r)icção, a poética da lista ou da enumeração, estruturas enumerativas e descrições utópicas, a lista e a enunciação paródica, o poder subversivo das listas, inventário e arquivo em listas, acumulação e repetição paródica.

1 Listas e séries taxonômicas na literatura: legado crítico

Apesar da relativa escassez de literatura crítica sobre as listas e suas representações literárias, passarei em revista os conhecimentos existentes (estado da arte) sobre o tema em vias de se transformar em problema de pesquisa (qualquer situação não resolvida e que é objeto de discussão, em qualquer domínio do

conhecimento). Uma publicação relevante para o estudo das listas na literatura é o artigo de Paul Tankard, “Reading lists” [Lendo listas] (2006). Tankard, de forma direta e didática, propõe que a lista é uma série escrita ou impressa de nomes, datas, números ou itens reunidos de acordo com alguma necessidade ou princípio. Pode parecer, à primeira vista, uma função desinteressante e um tanto mínima da linguagem: óbvia, escrita geralmente de forma abreviada, usando a escrita apenas por sua capacidade de armazenamento. No entanto e de acordo com o autor, as listas são assertivas e provisórias; elas podem ser adicionadas ou reclassificadas dependendo de processos que exigem elaboração no papel. Em conclusão, Tankard propõe que, enquanto um tipo particular de imaginação literária é atraído por listas e pela fatura de listas, pode-se dizer que as listas assombram toda a literatura e todo o discurso.

Também direto e didático é o estudo de Robert Belknap, “The literary list: a survey of its uses and deployments” [A lista literária: um levantamento de seu uso e expansão] (2000). O seu ponto de vista se baseia no fato de que listas ajuntam e separam coisas e por causa dessa natureza dupla, as listas devem ser acessadas de dois modos opostos: nós olhamos para as unidades individuais que compõem uma lista (o que ela carrega?) ao mesmo tempo em que olhamos para a função ou o propósito da lista como um todo (como tudo isso se mantém junto?). Belknap sugere que o estudo das listas literárias poderia revelar relações padronizadas entre os componentes contíguos. Tais padrões incluem igualdade, contraste, gradação, progressão e outras redes de relações que se expandem das listas para as obras em que estão inseridas. A dinâmica e o equilíbrio das listas se ajustam e mudam à medida que unidades subsequentes são adicionadas, quando os relacionamentos se realinham e os padrões métricos emergem. Dentro do enquadramento ou do envelope da lista, os elementos listados demonstram novas relações que podem nunca ter sido consideradas, exceto por sua justaposição; essa dinâmica não antecipada se desenvolve quando itens estranhos ou alienígenas são mantidos agrupados.

Elementos estranhos agrupados em listas podem produzir panoramas ou cenas, uma vez que constituem uma pausa na narrativa, criando um momento epifânico de desfamiliarização e sugerindo o início de um poder visionário. Wendy B. Faris, em “Scenes of enchantment: visionary style in Ben Okri’s *Dangerous Love*” [Cenas de encantamento: o estilo visionário de Bem Okri em *Dangerous Love*] (2015), entende as características de estilo de Okri ao concentrar sua atenção em um aspecto, seu uso de três ou mais frases breves para evocar uma cena que Faris chama “listas cênicas”. Essas

frases denotam tanto seu poder evocativo cênico, quanto sua breve qualidade notacional e conseqüente estilo paratático – a falta de ligação entre as sentenças envolvidas produz séries cenográficas. Ainda com relação a elementos estranhos e curiosidades, o artigo “From the space of the wunderkammer to Macondo’s wonder rooms: the collection of marvels in *Cien años de soledad*” [Do espaço do gabinete de curiosidades ao quarto de maravilhas de Macondo: a coleção de prodígios em *Cien años de soledad*] (2010), de Jerónimo Arellano, explora a relação do romance de Gabriel García Márquez com a cultura material do início da era moderna e argumenta que podemos reler as passagens centrais do romance como uma reintegração lúdica do espaço da câmara de maravilhas [*Wunderkammer*], ou seja, repositórios de objetos dos séculos XVI e XVII que foram concebidos como curiosidades, raridades, estranhezas ou maravilhas. As listas encarregadas de trazer o maravilhoso à luz também iluminam a recapitulação no romance das cartografias afetivas do império.

Ainda com o foco nos gabinetes de curiosidades e suas listas-catálogo ou listas-inventário, “Taking stock: Marie Nimier’s textual cabinet of curiosities” [Fazendo o balanço: o gabinete de curiosidades textual de Marie Nimier] (2014) é uma leitura assinada por Adrienne Angelo e demonstra a íntima relação entre os processos de memória e a coleção, seleção e armazenamento de objetos heteróclitos. Esse artigo se concentra em certos itens colecionáveis, coleções e colecionadores que aparecem em todo o mundo fictício, autobiográfico e autoficcional que Marie Nimier concebeu até o fim da primeira década do século XXI. Os gabinetes textuais de curiosidades e o ato de colecionar, geralmente, servem como um tropo para conectar memória e materialidade, apesar das numerosas vozes narrativas que Nimier assume nos seus universos ficcionais. O que está em jogo nesses *assemblages* intertextuais de objetos não são apenas os papéis que eles desempenham ao permitir que o narrador revise traumas passados e perdas, mas essas colagens acumulativas também conectam a presença autoral a vozes ainda mais ficcionais e friccionais que ajudam Nimier na sua escritura de vida.

Em meio a tantas visões no que diz respeito às listas e ao que elas carregam de vida e experiência sobre, dentro de si, vale aqui comentar o livro de Umberto Eco, *A vertigem das listas* (2010). Eco inicia seu mapeamento das listas literárias no mundo clássico ao alertar-nos de que estamos diante de um prazer inquieto, em frente ao infinito da estética, “[...] esta modalidade representativa de lista, elenco ou catálogo.” (2010, p. 2). Para Eco, as listas produzem um efeito de abundância e de “indizibilidade” que nos convida a “[...] uma reflexão sobre a transitoriedade dos bens

terrenos.” (2010, p. 44). Em outro momento, Eco elencará as listas que perfazem coleções vorazes de objetos e coisas: listas fantásticas, inquietantes, delirantes, essenciais, vertiginosamente normais, nostalgicamente ternas. E Eco não para aí, pois continua a analisar as listas que se rendem à lógica do *et cetera*, as listas de acúmulo, as listas de palavras e palavras-valises, as listas que nascem “[...] da voracidade e do topos da inefabilidade.” (2010, p. 82).

Sem o intuito de apresentar toda a extensão e complexidade das listas vertiginosas e cheias de voragem que Eco elenca e aborda de forma crítica, chego mesmo a pensar, ainda que de forma incipiente e tentativa, que as listas e as coleções na sua manifestação textual podem se referir a uma “listeratura”, ou seja, o engenho humano, na sua lógica enumerativa, como também acumulativa, e na sua forma ludicamente inventariante, produz escritos poéticos, de fantasia, de eloquência, escritos críticos, históricos, narrativos e outros mais. Poderíamos dizer com Raul Antelo, em “Coleções anestésicas, séries de-coloniais” (2015), que as listas e coleções podem já não remeter “[...] a uma realidade preexistente, mas a um repertório virtual, uma série, em processo de reconfiguração, que nos faz proliferar novos mundos possíveis.” (p. 6). Dito de outro modo, delas (das listas) retiramos parcelas de potência e o tempo do arquivo não mais é o tempo da história (SOUZA, 2011, p. 156).

Chamando à cena crítica n’*As ironias da ordem* (2009), Maria Esther Maciel elenca teóricos que vão desde Roland Barthes, Jean Baudrillard e Walter Benjamin até Jorge Luis Borges, Eco e Michel Foucault. Desse universo de entrecruzamentos textuais e críticos, o que nos parece mais imediato para este artigo é a importância dada pela autora às inúmeras listas, catálogos e enumerações. Para Maciel, ao discutir o impulso inventariante de Carlos Drummond de Andrade, a lista (de coisas em caóticas conflagrações) serviria como um recurso estruturante e adquiriria uma função lúdica, pois “[...] a seleção e a ordenação dos objetos na lista funcionam, sim, como uma forma de arquivamento da própria existência.” (2009, p. 74) e dão conta do caos no mundo e do impulso ordenador do autor/coleccionador como uma luta contra a dispersão. A autora continua, “o uso de listas, enumerações, séries e catálogos”, serve, na poesia de Drummond, “[...] não apenas como um artifício literário, mas também como prática da memória e burla dos dispositivos taxonômicos que controlam o mundo.” (2009, p. 81). Utilizando-se de termos tais como poéticas da coleção, saberes enciclopédicos e arquivos nômades, Maciel elege uma série de autores e obras (Dante, Borges, Joyce, Peter Greenaway, Drummond, Eduardo Coutinho, entre outros) para refletir sobre o

caráter enciclopédico dos objetos em estudo e para elaborar de forma refinada e sofisticada aquilo “[...] que Philipp Blom chamou de ‘caóticas conflagrações de curiosidades’.” (2009, p. 41).

O mais completo e diversificado trabalho sobre as listas e seus efeitos na literatura é o livro *Liste et effet liste en littérature* [Lista e efeito lista na literatura] (2013), organizado por Sophie Milcent-Lawson, Michelle Lecolle e Raymond Michel. Esse volume coletivo enriquece nossa compreensão da lista por meio de uma série de estudos de grande variedade, tanto pelas abordagens adotadas (estilística, semiótica, sintática, enunciativa), como também pela diversidade de trabalhos convocados, da literatura medieval à contemporânea, da literatura francesa à literatura em inglês e estrangeira de forma geral. As análises estabelecem a complexidade de uma forma erroneamente considerada simples. Ao examinar os *corpora* emprestados a François Rabelais, Blaise Pascal, Victor Hugo, Georges Perec, Charles Nodier, Guillaume Apollinaire, Louis Calaferte, Claude Simon, Patrick Modiano, Paul Eluard, Annie Ernaux, François Bon, Paul Auster, J. M. G. Clézio, Jude Stéfan e tantos outros, a lista revela, pelo contrário, a sua surpreendente plasticidade semântica, estética e discursiva.

2 Excursos sobre a limina(l)ridade das listas

Empurrando os princípios da lista para os seus extremos, a enumeração pode aparecer como o lugar de uma difração das vozes, a acumulação pode dar vazão a labirintos e quebra-cabeças infinitos e a lista, de forma geral, pode se tornar o espaço liminal, *par excellence*. Nesse sentido, a lista é liminal, não apenas liminar (posto no início ou à entrada, prévio, preliminar ou transicional), e também está conectada à liminalidade¹, ou seja, um limite ou um ponto de transição na travessia que se faz entre organizações estruturais e fenômenos contraestruturais.

Voltando ao que nos é de importância imediata, ou seja, o estado da arte no que tange à lista e a seus universos na literatura de forma geral, diversos autores literários parecem privilegiar o recurso da lista e da enumeração como categorias relevantes a se pensar nas questões relativas à ordenação (literária) do caos no mundo, à soberba da

¹ Ao estudar uma pequena tribo chamada *Ndembu*, no nordeste da Zâmbia, o antropólogo Victor Turner (1920-1983) desenvolveu a noção de liminalidade. Turner mostra que a sociedade *Ndembu* caracteriza-se por ser uma mistura de fenômenos estruturais (políticos, jurídicos e econômicos) e fenômenos contraestruturais (artes, credos, esportes, ideologias, entre outros). Na contraestrutura é que se encontra o fenômeno da liminalidade.

ciência com seus enfoques taxonômicos e ao lugar que o arquivo e as operações de arquivamento ocupam no contexto de mundos possíveis. Tendo como esteio a literatura até então trabalhada abordando a questão em estudo ou a ela afim, apresentam-se, a seguir, algumas das suposições tidas em mente com relação às listas e aos seus efeitos em textos literários – as listas ou séries tornam-se espaços enunciativos e discursivos que perpassam as temáticas relacionadas aos impulsos de ordenação e/ou criação de mundos, tais como: a) a experimentação enciclopédica; b) as poéticas da lista c) as poéticas do inclassificável; d) os espaços de descontrole; e) os novos horizontes de sentido; f) os processos de arquivamento, desarquivamento e mal de arquivo nas listas; e g) os novos espaços da lista na literatura.

3 Listas e séries: questões teóricas

Não é surpreendente que a lista faça parte dos pontos cegos da teoria literária. Perguntas sem respostas imediatas continuam a grassar: pode haver um estilo na lista ou até que ponto a lista corta o processo narrativo/descritivo e introduz uma ficção alternativa? No entanto, há pontos relativamente claros com relação ao uso da lista e seus efeitos em textos literários: a lista está definitivamente endividada a uma análise que leve em conta sua estrutura rizomática. Daí surgem uma plethora de tipos de lista (enumerações- vaidades, encriptação de enumeração, enumerações-enganosas, acumulações rabelaisianas e tantas outras) e uma miríade de possibilidades de leitura do efeito-lista; por exemplo, que as listas serviriam a um questionamento radical da ambição enciclopédica. De todo modo e de acordo com Sophie Milcent-Lawson, Michel Raymond e Michelle Lecolle na introdução ao livro *Liste e effet liste en littérature* (2013, p. 7-20), a lista quebra a discursividade para reativar as virtualidades semânticas e nos convida a uma leitura bem informada que prossiga por ligações e desligações ou religações de toda ordem. Em suma, quando aparece em narrativas ou descrições em prosa, verso ou drama, a lista desestrutura a sintaxe e dá liberdade às palavras.

Algumas generalizações sobre as listas nos parecem verdadeiras a princípio: toda lista esforça-se para conjurar o "volume" do mundo ou a lista está fundamentalmente sob tensão, dividida entre a ordenação do agora e a falta de ordem do porvir, até mesmo a afirmação de que a lista é bem-sucedida ao apresentar espaços virtuais e liminais. Portanto, fica clara, muitas vezes, a sua propensão, na literatura, a entrar quase que reativa e automaticamente em empreendimentos de sabotagem e

paródia de todo conhecimento institucionalizado ou de qualquer autoridade. Ademais, a lista propõe um conteúdo renovado ao nos chamar a ver uma determinada coisa ou estado de coisas, ela não pressupõe qualquer síntese prévia, mas toma forma no processo de constante (auto) atualização. Um leitor sensível e perceptivo parece apreender uma realidade que não é dada, mas cujas características surgem gradualmente nas e entre as listas.

Por um lado, e de acordo com Pierre-Henri Kleiber no volume organizado sobre o tema em 2013 (MILCENT-LAWSON, p. 57-70), há a tentação da totalidade (a lista-inventário como um censo de propriedades) e, por outro lado, o protesto contra a monumentalidade (inclui-se aí uma homogeneidade quase imperceptível) da forma e da estrutura; entre a ambição enciclopédica e a conjuração de qualquer sistema, ou seja, há o ativismo “confusional” representado por determinadas listas. Eis, então, uma bela descrição fenomenológica da lista: essa tangência (tentação de totalidade e protesto contra a monumentalidade) indica muito bem a maneira de coordenação e superimposição de coisas que lhe é própria. A lista é, de acordo com Kleiber (MILCENT-LAWSON, 2013), um dos modos de revitalizar a linguagem: um princípio ativo que solta as amarras do discurso, evoca a servidão das concatenações e até mesmo a injunção do significado. A lista pode prosseguir com uma “desgramaticalização” de uma fala petrificada em suas montagens repetitivas, pode prosseguir pela descontextualização: nisso ela está próxima da colagem textual, que é, acima de tudo, uma decolagem na medida em que se cola a um plano não funcional. Primitivamente, a lista tem uma função organizadora, ela responde ao instinto de ordem da mente. Mas a contemporaneidade desvia essa vocação classificatória da lista para fins de desorganização e desorientação. A lista, por vezes caótica, simula, por meio de sua expansão e de seu volume de espaço, uma saturação enciclopédica, uma escritura de lembranças (reais ou imaginadas) ou de inventários taxonômicos (verídicos ou ficcionais) e responde de imediato à ambição da linguagem de estruturar a realidade.

Embora a enumeração “confusional” enraizada em algumas listas seja típica dessa postura anti-enciclopédica, ela não é pensada para que nós nos encontremos, mas para que nós nos percamos. A estrutura, a ordem, a arquitetura e a taxonomia apresentam uma realidade à medida da razão humana – uma realidade domesticada e cadastrada. A lista de efeito “confusional”, uma exposição desorientada, apresenta uma realidade na medida da desrazão. É fundamentalmente anomia, uma pane da ordem, um debacle do intelecto. Em suma, a incompletude da lista ou a sua completude provisional

é o que impede que ela tome forma, que seja finalmente construída. Seu acúmulo desordenado sempre significa um suplemento e, portanto, uma falta.

Torna-se evidente, porém, que a lista mostra a passagem da obra em direção ao texto, de acordo com a terminologia de Barthes, isto é, de um sistema fechado orgânico (de uma ontologia hierática) para uma produtividade infinita cujo fechamento só pode ser acidental, adventício e não ontológico ou essencial. A lista, de acordo com Jack Goody (1979), sempre pode ser lida como um sistema generalizado de equivalências. A lista é uma forma privilegiada daquilo que Dennis Hollier (1993) chamou de caridade epistemológica, na medida em que mistura indiscriminadamente elementos pertencentes a ordens diferentes em um espaço fragmentário e anárquico. Essa forma-sentido representa não apenas a ausência de estrutura ou sua desintegração, mas traduz uma equalização do campo referencial.

De acordo com Lucia Manea, em “L’effet générateur de fiction de la liste: Variations–des carnets de composition au roman” [O efeito gerador de ficção da lista: Variações – dos diários aos romances] (MILCENT-LAWSON, 2013, p. 97-109), é possível notar a passagem da lista como uma prática de composição para a lista como figura integrada no texto, depois para a lista gerativa de um novo gênero (lista narrativa e não mais narrativa de lista ou narrativa baseada na lista). Se a lista está associada à verticalidade, uma vez inserida na narrativa ou na descrição, ela se baseia em uma prática retórica (acumulação, enumeração, repetição iterativa) e assume a forma de uma série implantada horizontalmente. A enumeração transpõe e assim metamorfoseia o conteúdo das listas de um determinado pré-texto ou paratexto. O uso da lista em sua forma original é um sinal de que a narrativa investe suas margens, exibindo-as. Daí a lista adquire o *status* de um texto funcional, sendo ao mesmo tempo rizomática, transversal, multifacetada, fluida, porosa, liminal. O desafio contemporâneo é apagar a distinção entre paratexto e texto, transformar a série em um sistema, pensar cada elemento da lista não mais na sucessão de uma prática sequencial, mas na simultaneidade do todo.

Para além do desfecho absurdo e trágico de toda ontologia ensimesmada, sublinhemos que, para entender essa qualidade intrínseca da lista (desejo de concomitância com o todo do sistema textual), faz-se necessário recorrer à metáfora do cisto que se aninha no tecido do texto. Madeleine Jeay (2006) retoma em sua definição da lista a noção de heterogeneidade, à qual ela associa a de recorrência. Tanto Philippe Hamon como Madeleine Jeay dão prosseguimento ao trabalho fundador de Jack Goody:

“A lista implica descontinuidade e não continuidade. Ela supõe um certo arranjo material, uma certa disposição espacial; [...] ela tem um início e um fim bem marcados, um limite, uma borda, como um pedaço de pano.” (1979, p. 150). Neste artigo, mostramos como as listas ou os efeitos-listas excedem essa definição na medida em que a lista vai além do arcabouço espacial que lhe é atribuído e pode encontrar ressonância, coincidentemente, com a microestrutura do texto (ou seja, suas estruturas mais recônditas esmiuçadas por meio de um *close reading*) e com a macroestrutura do texto, que pode tratar do imaginário ou das ideologias vigentes.

“Fazer uma lista é expor-se ao perigo do não-estilo, da não-literariedade.” (MILCENT-LAWSON, 2013, p. 28), resume Philippe Hamon. A lista não é um ornamento opcional, mas apresenta uma escolha estilístico-retórica deliberada. O autor usa seu potencial mimético a serviço da argumentação polêmica implícita. As enumerações/acumulações da lista colocam em prática eventos experimentados ou relatados, teatralizam esses eventos e objetivam essa prática, enquanto o narrador se retira atrás das palavras. A ausência de ligações causais – exceto em alguns casos, mas mesmo que os apresente ou apesar de apresentá-los – requer a colaboração ativa do leitor para (r)estabelecer a coerência do enunciado e a significação da mensagem. Essa ausência requer uma interação autor-narrador-leitor por caracteres interpostos. A lista é, de todos os processos literários, o que mais depende da cooperação do leitor, propõe Sève (2010). Resta-nos sempre a pergunta: é possível discernir as ligações entre a estrutura do grupo enumerativo (ou acumulativo) e sua função argumentativa?

De volta à esteira de possíveis perguntas sobre o objeto-conceito-chave deste artigo, temos: o que é uma lista e qual é sua relação com o texto descritivo? Essas são questões que nos colocamos quando examinamos o fenômeno da lista na literatura. A lista pode ser definida, de acordo com Sève, em seu livro *De haut en bas: philosophie des listes* [De alto a baixo: a filosofia das listas] (2010, p. 25-67), como uma sucessão de palavras sem articulação gramatical ou sintática, e apresentada de preferência de cima para baixo. Se definirmos a lista dessa forma breve e superficial, sua presença na literatura é bastante limitada. É por isso que Sève, após ter constatado que a prática humana de fazer listas não pode ser reduzida a colunas descontextualizadas de escrita de itens por vezes desconexos, avança a noção da visibilidade sedutora da lista para pensar os efeitos e as manifestações das listas (série de objetos, sucessão de eventos) na literatura. A aparência de uma lista ocorre, diz ele, quando um conjunto (simultâneo) ou uma sequência (sucessiva) parece funcionar como listas, ao passo que não são somente

uma coluna de palavras. Philippe Hamon (1981, p. 44 e 1993, p. 41), por sua vez, declara que a lista pertence à descrição. O sistema descritivo, diz ele, é focado nas estruturas lexicais do texto, é desdobrado em lista à espera da memória do leitor. Diferentes tipos de listas se desdobram diante de nós: a lista como uma sucessão de palavras, da ordem da enumeração e que poderíamos chamar lista de catálogos ou lista taxonômica, e listas que dependem mais de estruturas gramaticais, como repetição e acumulação.

A partir da colocação de Sève (2010, p. 120) de que, paradoxalmente, a palavra em lista é cortada do mundo e é uma com o mundo, ou seja, a palavra se torna um pedaço do mundo, podemos pensar como a lista supera a descrição, minando-a em seus fundamentos, porque se a descrição visa, em princípio, dar uma reprodução verossímil e tangível da realidade, a lista procura reproduzi-la por meio de diafragmas (em um sistema ótico, abertura que controla a seção reta de um feixe luminoso que passa através desta, com a finalidade de regular a intensidade luminosa, reduzir a aberração ou aumentar a profundidade focal das aberrações) e de forma efetiva. Dito de outra forma, a lista procura reproduzir reivindicações de realidade via efeitos de realidade. Concomitantemente, a lista é uma maneira perspicaz de restaurar a heterogeneidade inerente à realidade ou as suas heteróclitas versões. O mundo é percebido de maneira bastante descontínua: o sujeito percebe fragmentos de realidade e luta para ter uma visão global da existência sentida como plural e complexa. A lista, pela justaposição ou pela rápida sequência de seus elementos, quase possibilita que versões de realidade no/do mundo e visões pessoais de realidade no/do mundo se mantenham juntas, dentro da mesma impressão. O uso da lista parece acentuar um dos modos de relação referencial, a dêixis, ao favorecer a expressão de uma sensação de presença no mundo, de uma relação sensível e quase imediata do sujeito com as realidades possíveis e prováveis.

Esses breves caminhos acima trilhados acerca das listas e seus efeitos na literatura não esgotam, obviamente, o *status quaestionis* teórico referente ao objeto-tema em estudo, mas tão somente contextualizam os eixos-conceitos aqui apresentados. A lista é um objeto ao mesmo tempo inacabado e infinito, um *work in progress*, uma obra aberta (ECO, 1968) e, mesmo se breve, e até mais longa, está do lado da abundância, da tradição retórica chamada *copia verborum*. Copiosa e inacabada, uma verdadeira cornucópia de sentido, a lista parece intervir de forma resumida e eficaz na assimetria entre sujeito e mundo ou entre consciência e realidade: “tenho apenas duas

mãos/e o sentimento do mundo”, como diria Carlos Drummond de Andrade (1940, p. 18).

Quando a lista é inserida em uma narrativa, ela estabelece uma digressão e se acopla a vários valores: o papel descritivo, o efeito pictórico, a sensação memorialista, a credibilidade intelectual do narrador, o arrojo da despersonalização, o plano de jogo paródico, a estratégia irônica e satírica dilatadora dos momentos de reivindicação de realidade, o êxito da sociabilidade, a expectativa dos leitores, a tentativa de testemunho, a desfragmentação ou concentração excessiva do ponto de vista em focalização. Mas quase todos os seus valores são provavelmente atribuídos a ela em relação ao peritexto narrativo (segundo Genette, um tipo de paratexto que se encontra no espaço físico da obra) que a acolhe e a entende. Mesmo quando, se pensarmos em séries caóticas, elas imitam a realidade incoerente por uma aparência de desordem, as listas ainda farão sentido no relacionamento que elas mantêm com sua estrutura geral e com os seus contextos. Outras listas têm o objetivo de fazer um inventário significativo do real, para desvelar seu significado, às vezes marcando a frequência com que os atores estão presos nos eventos sem ver o seu significado a partir de uma posição estratégica. A lista, portanto, tem um conjunto de funções que enfoca, dramatiza, estetiza, não se limita a um estilo de autor ou a uma intenção singular, mas inscreve o enunciador e o destinatário das listas em uma ou mais comunidades de pertencimento, em uma ou mais realidades históricas, culturais, ideológicas, estéticas.

Se a lista maximiza as potencialidades de categorização da escrita, ela se torna um modelo de racionalidade violenta. Essa racionalidade violenta se traduz às vezes na obsessão do colecionador, no desejo de colecionar pedaços de mundo, e é acompanhada da tentativa de fazer uma narrativa impossível dos eventos, uma missão que pode ser improvável e impossível, mas que foi atribuída à lista. A lista também é, muitas vezes, o lugar da narrativa ausente no contexto do (im)possível e é, simultaneamente, uma aventura do pensamento. Longe de alegar completude ou se intoxicar de (im)possibilidades, a lista frequentemente manifesta alteridade e perda, de acordo com Françoise Sammarcelli em “Entre vestige et émergence Poétique de l’effet-liste dans *The Invention of Solitude* de Paul Auster” [Entre o vestígio e a emergência poética do efeito lista em *The Invention of Solitude* de Paul Auster] (MILCENT-LAWSON, 2013, p. 519-530). A partir dessa observação, quiçá uma voz não unificada possa nascer na relação incerta entre lista e poema, lista e narrativa, lista e texto dramático, lista e literatura.

É nesse sentido que a leitura do legado crítico e teórico a respeito do uso das listas na literatura nos ajuda a compreender melhor como a “*poiesis* listal” parece conduzir-nos irreversivelmente à constatação, via Perec, de que “[...] nada no mundo é único o suficiente que não possa ser incluído numa lista”² (1985, p. 167). Pela repetição obsessiva do mesmo tema, este artigo constitui uma espécie de laboratório experimental em que tentamos observar os mecanismos do desejo de se converter no seu Outro, exteriorizando os percursos de leituras associados a listas à medida que os transfere para o plano da fricção teórico-crítica. Ademais, os resultados das experiências efetuadas nas trajetórias aqui estabelecidas devem ser testados e analisados posteriormente, daí tornando possível colocá-los a serviço de alternativas críticas que, porventura, os ligassem ainda mais à vida teórica.

A presença da lista na literatura é, ao mesmo tempo, comum por sua frequência, múltipla por seus aspectos e muito antiga. Ela se submete a uma economia de plenitude e de vazio, ela se reveste de compulsão de mundo (realidade), mas parece residir na infinita incerteza. A lista é, portanto, um ponto privilegiado de observação para a análise do humor e da ironia, do quase chegar lá e do nunca sair do lugar. Do cisto textual às formas mais integradas, até a conglobação, a lista é particularmente adequada ao combate contra o esquecimento, e a favor de que a fantasia do caos total permaneça um horizonte não cumprido. Apesar dos insucessos do sentido (que se quer permanente ou estável, mensurável ou previsível, decidido ou ordenável), as partes de mundo que a lista literária carrega são sustentadas por um ordenamento de princípios que se parece com aquelas imagens minúsculas de que fala Paul Auster em *The invention of solitude* [A invenção da solidão] (1988, p. 116): “Talvez, isso é o que realmente conta: chegar ao âmago do sentimento humano, apesar das evidências. A mais ínfima das imagens: incorrigível, alojada na lama da memória, nem enterrada nem inteiramente recuperável. E, no entanto, cada uma delas, em si mesma, uma ressurreição fugaz, um momento perdido de outra forma”³.

REFERÊNCIAS

² [...] rien au monde n'est assez unique pour ne pas pouvoir entrer dans une liste. Tradução do autor.

³ Perhaps this is what really counts: to arrive at the core of human feeling, in spite of the evidence. These tiniest of images: incorrigible, lodged in the mud of memory, neither buried nor wholly retrievable. And yet each one, in itself, a fleeting resurrection, a moment otherwise lost. Tradução do autor.

ANGELO, A. Taking stock: Marie Nimier's textual cabinet of curiosities. **Studies in 20th & 21st Century Literature**, v. 38, n. 2, 2014. p. 1-19.

ANTELO, R. Coleções anestésicas, séries de-coloniais. Palestra na Fundação Casa de Rui Barbosa. Disponível em:
<https://docs.google.com/file/d/0B6UoY4Uw2drfN0lvbGZjdjZRaFE/edit?usp=sharing>
Acesso: 30 abr. 2020.

AUSTER, P. A. **The Invention of solitude**. Londres: Faber & Faber, 1988.

AYRES-BENNETT, W.; VOLPILHAC-AUGER, C. Compilations, recueils, collections. **French Studies**, v. 65. n. 3, 2011. p. 301-305.

BELKNAP, R. E. **The list: the uses and pleasures of cataloguing**. Yale: Yale University Press, 2004.

BELKNAP, R. E. The literary list: a survey of its uses and deployments. **Literary Imagination: The Review of the Association of Literary Scholars and Critics**, v. 2, n. 1, 2000. p. 35-54.

CAVE, T. C. **The cornucopian text: problems of writing in the French renaissance**. Oxford: Clarendon, 1979.

DRUMMOND DE ANDRADE, C. **Sentimento do mundo**. Rio de Janeiro: Pongetti, 1940.

ECO, U. **Obra aberta**. São Paulo: Perspectiva, 1968.

ECO, U. **A vertigem das listas**. Rio de Janeiro: Record, 2010.

EDWARDS, N.; HUBBEL, A. L. Self and stuff: accumulation in francophone literature and art. **Studies in 20th & 21st Century Literature**, v. 38, n. 2, 2014. p. 1-5.

GOODY, J. **La raison graphique: la domestication de la pensée sauvage**. Paris: Édition de Minuit, 1979.

HAMON, P. **Introduction à l'analyse du descriptif**. Paris: Hachette, 1981.

HAMON, P. **Du descriptif**. Paris: Hachette, 1993.

HOLLIER, D. **Les dépossédés** (Bataille, Caillois, Leiris, Malraux, Sartre). Paris: Éditions de Minuit, 1993.

JEAY, M. **Le commerce des mots: l'usage des listes dans la littérature médiévale (XIIe–XVe Siècles)**. Geneva: Droz, 2006.

MACIEL, M. E. **As ironias da ordem: coleções, inventários e enciclopédias ficcionais**. Belo Horizonte: UFMG, 2009.

MILCENT-LAWSON, S. ; LECOLLE, M. ; MICHEL, R. **Liste et effet liste en littérature**. Paris: Classiques Garnier, 2013.

PEREC, G. **Penser/classer**. Paris : Hachette, 1985.

RABATEL, A. Listes et effets-listes: énumération, répétition, accumulation. **Le Seuil | Poétique**, v. 167, n. 3, 2011. p. 259-272.

SELTING, M. Lists as embedded structures and the prosody of list construction as an interactional resource. **Journal of Pragmatics**, v. 39, 2007. p. 483-526.

SÈVE, B. **De haut en bas**: philosophie des listes. Paris: Éditions du Seuil, 2010.

SOUZA, E. M. de; MIRANDA, W. M. (Org.). **Crítica e coleção**. Belo Horizonte: UFMG, 2011.

TANKARD, P. Reading lists. **Prose Studies**, v. 28, n. 3, 2006. p. 337-360.

Data de submissão: 28/11/2019

Data de aprovação: 27/04/2020